

humanitas



Vol. XXXVII-XXXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

AVICENNA LATINUS, *Liber de anima seu Sextus naturalibus*. Edition critique de la traduction latine médiévale par S. VAN RIET. Introduction sur la doctrine psychologique d'Avicenne par G. VERBEKE. 2 Vols., VI + 160* + 472 e VIII + 142* + 334 pp. Louvain, E. Peeters / Leiden, E. J. Brill, 1972-1968.

AVICENNA LATINUS, *Liber de Philosophia Prima sive Scientia Divina*. Edition critique de la traduction latine médiévale par S. VAN RIET. Introduction doctrinale par G. VERBEKE. 2 Vols., VII + 160* + 225 e VII + 117* + 330 pp. Louvain, E. Peeters / Leiden, 1977-1980.

Depois de Aristóteles, de quem já em meados do século XII João de Salisbúria escrevia que «antonomastice idest excellenter, Philosophus appellatur» e a quem Avicena chamava «Magister primus», é o próprio Avicena que mais eminente lugar ocupa no legado que o Ocidente latino recebeu através dos Árabes. Por essa via, interveio no esplendor da Escolástica do século XII e XIII, desde a sua tradução em Toledo: o *Liber de anima* entre 1152-1166 e a *Metafísica* antes de 1150. A Avicena o franciscano Rogério Bacon o diz «dux et princeps Philosophiae post Aristotelem». Com Aristóteles vieram Avicena e Averróis, cujas doutrinas levantaram algumas controvérsias, acrescentando as dificuldades de aceitação que já o próprio Aristóteles implicava. Algumas das suas teses eram incompatíveis com a fé cristã e outras pouco apreciadas pelos conservadores agustinianos da Faculdade parisiense de Teologia. Averróis suscitou oposição à sua teoria do monopsiquismo, propôs aos escolásticos a discussão sobre o problema da criação do mundo *ab aeterno*, perante o qual discordaram entre si S. Boaventura e S. Tomás de Aquino, e viu-se mal interpretado quanto às relações entre a Filosofia e o Corão, ao pretenderem sintetizar a sua posição na infeliz fórmula que veio a tornar-se, na expressão de Van Steenberghe, «a lenda tenaz» da dupla verdade.

Avicena teve também sujeitas a condenação algumas doutrinas, mas foi maior a parte da sua doutrina que recebeu acolhimento dos Escolásticos, particularmente antes da construção da síntese tomista, que, de resto, também lhe é tributária. Apresentando-se como comentador de Aristóteles — ao mesmo tempo contaminado este com o neoplatonismo do *Liber de causis* e da *Theologia Aristotelis*, obras que correram entre os Árabes como da autoria do Estagirita — facilmente se compunham certas das suas doutrinas com o agustinismo tradicional.

A grande obra, espécie de enciclopédia filosófica de Avicena, *Al-Shifa*, (*A cura*, subentendendo-se: *do erro*) está dividida em quatro grandes partes: Lógica, Física, Matemática e Metafísica. O *De anima* constitui o sexto livro da Física e por isso no título da versão latina medieval está: *Liber de anima seu Sextus de naturalibus*.

Foram o *De anima* e a *Metafísica* que o Ocidente traduziu mais cedo para latim e as obras através das quais se exerceu a principal influência de Avicena na Escolástica. A versão de uma e outra foram realizadas em Toledo, cujo arcebispo Rai-

mundo é sempre evocado como o grande impulsionador do trabalho de tradutores que erradamente se afirma com frequência terem formado uma «escola». Pode aceitar-se a expressão, se se não lhe der o sentido de instituição, cuja existência não encontra alicerce. A dedicatória a um arcebispo de Toledo e primás das Espanhas, que se encontra nas versões latinas do *De anima*, é um dos documentos mais importantes e mais utilizados ao procurar conhecer-se o ambiente cultural toledano do século XII, assim como o método e o nome dos seus tradutores.

Foi a necessidade de estabelecer rigorosamente o texto e de analisar em profundidade esta carta dedicatória, que geralmente nos manuscritos abre a versão do *De anima* (dos 50 manuscritos que no-la transmitem, seis omitem-na, outros seis apresentam-na no fim do tratado aviceniano e um manuscrito da Vaticana dá-o no princípio e no fim, pela mão do mesmo copista mas com algumas variantes entre os dois textos), que levou a Prof. Simone Van Riet a iniciar a edição com o segundo volume (*Liber de anima*, IV-V), em 1968. Os problemas a que aludimos foram entretanto esclarecidos pelas suas investigações, cujos resultados apresenta na introdução ao 1.º volume (*Liber de anima*, I-II-III), de 1972. A descrição de Toledo como grande centro científico e filosófico feita pelo inglês Daniel de Morley na *Philosophia, sive Liber de naturis superiorum et inferiorum* não corresponde ao período do arcebispo Raimundo (1124-1152), mas sim ao do seu sucessor, João, a quem o tradutor do *De anima* dedica o trabalho. Este pode, assim, situar-se na época do seu governo ou seja entre 1152-1166.

Os estudiosos da filosofia medieval dispunham da rara edição das versões latinas da *Metafísica* de Avicena impressa em Veneza em 1495 e dos *Auicenne perhypatetici philosophi ac medicorum facile primi Opera*, também de Veneza, 1508. A raridade e estado precário destes exemplares levou em 1961 os Jesuítas de Heverlée (Bélgica), a reproduzir anastaticamente as duas edições. Para o estudo dos pensadores medievais, que se serviram das traduções do árabe muitas vezes através da colaboração intermediária de um judeu, era indispensável uma edição crítica dessas versões latinas. Tal, exigia competência invulgar no domínio das línguas árabe e latina, da paleografia e das filosofias árabe e escolástica. Convergem essas qualidades na Professora Simone Van Riet, da Universidade de Louvain-la-Neuve. O rodapé da edição crítica é duplo: um com as variantes dos vários códices utilizados e outro com o original árabe para comparação com a forma latina medieval correspondente, quando isso é necessário à compreensão ou esclarecimento do texto vertido, a que se juntam oportunas notas. O *De anima* dispõe de dois léxicos, arábico-latino e latino-arábico, que formam um repertório quase exaustivo deste vocabulário. Em anexo, dão-se em texto latino alguns capítulos do tratado aviceniano *De Medicinis cordialibus* ou *De Viribus cordis*, que os manuscritos medievais colocam após o livro IV do *De anima*.

No Vol. II do *De anima*, S. Van Riet em cerca de setenta páginas discute as circunstâncias envolventes da tradução toledana, o nome dos tradutores, o texto da carta dedicatória de que falámos, os manuscritos, e outras questões afins.

Cada volume traz um longo estudo doutrinal do Prof. G. Verbeke, da Universidade de Lovaina (Leuven), Presidente da Union Académique Internationale, Director do *Aristoteles Latinus* e do *Corpus Latinum Commentariorum in Aristotelem Graecorum*. No *De anima*: «Ciência da alma e percepção sensível» (90 pp.) e «O *De anima* de Avicena. Uma concepção espiritualista do homem» (142 pp.). Na *Meta-*

física: «O estatuto da Metafísica» (122 pp.) e «Uma nova teologia filosófica» (80 pp. com capítulos sobre o problema dos Universais, a noção de causalidade, o mistério de Deus, a emanação dos seres criados, o optimismo metafísico de Avicena).

O texto crítico do Prof. Simone Van Riet (continuadora, nos domínios de investigação, dessa outra eminente senhora, Marie-Thérèse d'Alverny), cujo enorme trabalho de muitos anos não é fácil de avaliar, vem assim acompanhado de estudos doutrinais subscritos pelo mestre lovaniense de méritos bem conhecidos.

J. M. DA CRUZ PONTES

JOÃO SAMBUCO, EMBLEMATA, / CVM ALIQVOT / NVMMIS ANTIQVI / OPERIS, IOANNIS / SAMBVCI TIRNAVIENSIS PANNONII. ANTVERPIAE, / EX OFFICINA CHRIS-TO-
PHORI PLATINI. / M. D. LXIV. / CVM PRIVILEGIO.
(Reedição fac-similada. Budapeste, Academia Kiadó, «Bibliotheca Hungarica Antiqua», XI, 1982, 240 + 44 p.).

João Sambuco (Zsámboky János) é um dos autores mais representativos da literatura novilatina magiar do século XVI. Nascido em 1531 na então cidade húngara e hoje checoslovaca de Tirnava, tornou-se um humanista de convivência e formação cosmopolita, adquirida, desde muito jovem, em algumas das principais universidades da Alemanha, França e Itália. Nas suas viagens de estudo e contacto pela Europa durante 22 anos, recolheu grande soma de documentos e objectos antigos, principalmente medalhas e manuscritos. A ele se deve, designadamente, a descoberta do poema *Dionysiaka* de Nono (séc. V), de um fragmento de Petrónio e de mais de oitocentas cartas dos Padres da Igreja. Depois de passar, ainda, algum tempo pelos Países-Baixos, fixou-se, finalmente, na Áustria, onde gozou da estima dos imperadores Maximiliano II — que o nomeou cronista da casa de Habsburgo — e seu sucessor Rodolfo II. Veio a morrer, com cinquenta e três anos incompletos, a 13 de Junho de 1584. O recheio da sua livraria, constituída por uma considerável colecção de manuscritos antigos, corrigidos por ele, de livros e de medalhas, foi legada à biblioteca imperial de Viena.

A sua produção escrita é vasta e politemática e estende-se por diversas áreas da literatura, nomeadamente por alguns aspectos da teoria literária, como a metodologia epistolográfica (*Epistolarum conscribendarum methodus*, Basileia, 1552), questões de estilo e mimese (*Dialogi de imitatione a Cicerone petenda*, Paris, 1561 e Antuérpia, 1563) e de arte poética (*Ars poetica Horatii et in eam paraphrasis*, Antuérpia, 1564). Dedicou parte da sua obra à historiografia e geografia local, quer da Hungria (*Appendix a rege Mathia usque ad Ferdinandum I*, Viena, 1558; *Tabula geographica Hungariae*, Viena, 1566), quer da Áustria (*Arcus triumphales aliquot in honorem Jani Austriae*, Viena, 1572), e à história mais geral, como as *Imperatorum*

aliquot Romanorum uitae (Estrasburgo, 1552) e os *Icones veterum aliquot et recentium medicorum philosophorumque cum eorum elogios* (Antuérpia, 1574, *ibid.*, 1603, Amsterdão, 1612 e 1613) e, ainda, ao estudo da astrologia (*Apotelesmata*, Francoforte, 1577). Exerceu, também, grande actividade como editor de obras antigas, nomeadamente *Petronii fragmenta aucta* (Antuérpia, 1565), Plauto (*ibidem*, 1566), o *De arte veterinaria* de Vegécio (Basileia, 1574), Diógenes Laércio, as *Vitae sophistarum* de Eunápio, as *Epistolae amatoriae* de Aristéneto, o *Pinax* de Hesíquio, o *Enchiridion* de Heféstion, a *Syntaxis* de Apolónio Discolo, além das já referidas mais de oito centenas de cartas patrísticas e, ainda, alguma correspondência dos helenistas Bessarion e Crisoloras. Editou, ainda, sobre a história húngara, a *Epitome rerum Hungaricarum* de Petrus Ranzanus (Viena, 1558) e as *Rerum Ungaricarum decades* (Francoforte, 1581).

Da sua obra poética, toda ela de carácter eminentemente didáctico, destacam-se os *Carmina ethica* publicados em Pádua, os *Icones* já atrás referidos e constituídos por um conjunto de epigramas destinados a comentar 67 retratos de famosos médicos e outros sábios antigos e modernos, e, acima de tudo, o livro dos *Emblemata*, a obra de Sambuco que, entre todas, obteve maior audição. Publicada pela primeira vez em 1564, em Antuérpia, teve aí mesmo mais cinco reedições nos 20 anos subsequentes, incluindo uma tradução francesa.

Foi, naturalmente, o prestígio europeu desta última composição do humanista húngaro que levou a Academia Kiadó de Budapeste a incluí-la, sob o n.º XI, no seu actual plano de edições fac-similadas intitulado «Bibliotheca Hungarica Antiqua», fazendo acompanhá-la de um estudo, em separata, feito pelo Dr. August Buck, professor da Universidade de Marburg/Lahn, sobre o autor e a sua obra.

O livro insere-se no estilo e temática da conhecida literatura emblemática, criada e teorizada pelo famoso jurista italiano André Alciato. O carácter distintivo do *emblemata*, formado pela tríade elementar que consiste «na conjugação de uma curta sentença, de uma gravura e de alguns versos explicativos», no dizer de Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto (vd. «*EMBLEMATA e ΣΗΜΑΤΑ*», Separata de *Euphrosyne*, Nova Série, vol. XVI, p. 335), encontra-se aqui plena e sistematicamente realizado, em obediência ao género a que já se chamou «poesia pintada» (*picta poesis*). De facto, dos 166 emblemas devidamente ilustrados que integram a colecção de Sambuco, apenas uma meia dúzia não cumpre aqueles três requisitos, ou porque se trata de simples epigramas e *epitaphia* dedicados a personagens ou realidades relacionadas com o poeta, ou porque têm, em vez da curta frase sentenciosa e enigmática que habitualmente os encabeça, um mero título que resume claramente o tema exposto nos versos que o acompanham (vd., por exemplo, pp. 9-10, 120, 124-125, 167, 194, 228-229).

A temática geral deste conjunto de emblemas é determinada pelas intenções de didactismo declaradamente moral do autor. Assim, os assuntos que neles prevalecem têm a ver com a filosofia dos costumes, de incidência privada e sobretudo social, como a instabilidade da sorte, a consciência íntegra, a verdadeira amizade, a insegurança de tudo, a inutilidade do supérfluo, a dubiedade do amor, a irrequietude da vida, a sabedoria insensata, o saber meramente livresco, o valor do trabalho, a virtude como guia da vida, etc.

Mas a principal importância dos *Emblemas* de Sambuco reside, a nosso ver, em certas reflexões que neles encontramos sobre teorização literária e estética em geral.